

MANHÃ

DIRECÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO

COLLABORADORES DIVERSOS

Anno I

Publicação semanal

Num. II

Assignat. por mez 500 rs.

Desterro, 6 de Junho de 1886

Pagamento adiantado

AVISO

Rogamos aos Srs. Assignantes que, no caso de não receberem os numeros de nosso jornal, como tem acontecido com alguns, nos enviem, por escripto, á rua da Paz n. 7 ou á typographia do «Journal do Commercio, as suas reclamações, a fim de evitar difficuldades aos proprietarios d'esta folha.

MANHÃ

Desterro, 5 de Junho de 1886.

Anuncia-se com grande enthusiasmo a eleição de um senador para preencher a vaga deixada pelo fallecimento do Sr. Barão da Laguna.

A imprensa e o povo, esses dous grandes poderes nacionaes, considerando sobre a escolha, de vem pôr em pratica o maior escrupulo para que o que fór destinado a occupar o lugar do fallecido, seja um Cidadão que preze e cuide plenamente dos interesses da provincia, e um d'esses homens que tanto traba-

lhe pelo coração como empregando o esforço do seu intellectual.

Não escolham, srs. Eleitores, para esse lugar, algum politico apaixonado, d'esses que só querem crear nome e fazer fortuna.

Escolham um homem independente que não quebre lanças por nenhum dos dous partidos politicos do paiz, e satisfareis então, sollicitamente, o empenho da terra natal.

Ao contrario d'isso não poderemos jámais repellir a fraqueza que o atrazo injectou na marcha dos negocios da provincia, nem vel-a-hemos com toda a sua risinha belleza gosar dias felizes no quadro das suas irmãs do sul.

E' sabido que o programma dos partidos politicos brazileiros, são uma e a mesma cousa: ambos negociantes decididos, ambiciosos, que só procuram amontoar ouro em beneficio proprio. Portanto, srs. Eleitores, não deveis ouvir os prégões dos taes partidos na apresentação dos seus candidatos, nem acreditar nos beneficios ephemeros que elles annunciam para reunir adeptos e elevarem os seus escolhidos, porque o historico das velhas politicas monarchicas é o melhor espelho para o vosso criterio avaliai-os decidil-os.

Não ouçam, pois, os seus prégões.

Para evitar que mais uma vez a illusão venha cobrir o nosso eleitorado, convém precaver-se em tempo, e melhor empregar os seus votos; e escolhendo d'entre cidadãos aptos o que mais lhes merecer confiança e fór tão independente como a nossa posição jornalística, não fareis mais do que cumprir um dever de patriotismo que a provincia reconhecida bem dirá os vossos esforços.

E' este, unicamente, o appello que a *Manhã* faz ao brioso eleitorado Catharinense; e, manifestando a sua opinião sobre a escolha de candidatos á senatoria, não pecca por mal intencionada.

ROMUALDO

COLLABORAÇÃO

A MANHÃ

Linda aurora vem raiando

Destoucando

Loiras tranças rutilantes:

Caem rozas purpurinas

Nas campinas,

Sobre as rozas caem brilhantes.

Brilha o musgo avelludado

Rociado

D'esmeraldas e rubis;

Sobre as ramas brilham flôres

De cores verdôres

Entaçando aureo matiz.

Manhã

Puro o ar é recendente
 Como a frente
Da bonina semi-aberta;
Alvo lyrio desabrocha
 Sobre a rocha
Nas verduras encoberta !

Gracioso passarinho
 Foge ao ninho
Brando chilro desprendendo.
E no ramo florecido,
 Suspendido,
Doce nectar vai sorvendo

Como eu amo a madrugada
 Destoncada,
À mirar-se á flôr das agôas !—
—Trazem rozas seus frescôres,
 Seus albores
Dulcificam tantas magôas !...

Sé bemyinda, oh meiga aurora,
 Precursôra
D'almo dia encantadôr;
Brilha o sol:—quanta alegria
 Traz o dia
—Quanta vida ! quanta amôr !

DELMINDA SILVEIRA DE SOUZA.

Desterro —10—6—80.

A fé

A fé acompanha tudo.
Si tentamos temos fé, se recua-
mas tambem.
Se a força dada não é bastante
para produzir consequencias dese-
jadas, a fé a incita.
O pensar, o obrar, o fallar, oc-
cultos no sanctuario da conscien-
cia, não se manifestam livre, sem
a fé.
Se procuramos pela immensi-
dade que se dilata esplendorosa,
um propicio abrigo, onde a mus-
culatura fatigada repouse, é com
fé.
Se a immaginação põe em mira,
uma dessas monstruosidades ge-

radas por accidentes de affectos
violentos, e serena-se, essa aber-
ração physiologica, a fé reconhe-
ce o delirio, e pede justiça.

Em tudo se manifesta a fé.

O herôe tem fé na gloria, o ma-
ribundo na vitalidade.

Os hydrophobicos, os petrolei-
ros, os communistas, Marat, he-
bon, Hebert, Barrère, tinham fé
no borbulhar do sangue.

H. BERLINK.

Album das salas

Completo hontem 24 annos de
idade o nosso particular amigo e
companheiro incansavel de re-
daccão—Luiz Pacifico das Neves.

A Manhã iria de encontro aos
mais sagrados deveres da amisado
sincera que tributa a esse nosso
distincto collega, si deixasse de
vir patentear o seu intimo jubilo
pôr ve-lo, no dia de seus annos,
cercado d'essa felicidade que um
exemplar esposo e um filho obe-
diente, qual o nosso Luiz Neves,
só a pôdem gozar.

Admirando-te e sentindo-nós or-
gulhosos com a tua amizade, per-
mitte, amigo, que te cinjamos n'um
d'esses abraços que, mudos quaes
a linguagem dos olhares puros de
duas almas amantes, tudo signifi-
cam, e exprimem o que ha de
mais sincero.

No dia 2 do corrente completou
tambem 15 risonhas primaveras
a Exma. Sra. D. Domitila V. de
Amorim, interessante irmã do
nosso amigo e assignante Viegas.

A Republica do Bastos

(Continuação do n. 10)

Amanhecia um dia de domingo.
Logo pela manhã cedo chamei o
Niemeyer, que dormia, para fa-
zer—a chamada.

O Alfredo accorreu á minha
voz:

—Que diabo te angou elle,
é todos os dias o perlar a gente
do melhor do somno: fazer cha-
mada! fazer chamada! fazer cha-
mada! Que diabo te tentas cha-
madas

O Niemeyer esfregando os olhos
foi-se. Logo depois levantei-me.

—Oh! Alfredo, são seis horas;
levante-se, homem!

—Ora bolas! deixe-me dormir
com todos os seiscentos diabos.

Deixei-o em tão numerosa e
invisível companhia; mas d'ahi a
meia hora entrou o Fausto.

—Ih! pois o Alfredo ainda dor-
me!—e pegou no violão desafin-
ado a fazer baralho com as cor-
das sobre o ouvido do dorminho-
co. Este sentou-se na cama fu-
rioso:

—Parecem-me uns dôidos!

Não se pôde dormir com seme-
lhante canalha!

Mas levantou-se; layou o rosto,
recitando todo possuido (mesmo
sem se enxugar):

«Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrella tu te escondes,
Embugado nos céos?»

E ahi por diante desenfiou as
Vozes d'Africa do pobre Castro
Alves.

Emquanto isso, o Fausto sen-
tado sobre uma das camas afinava
o violão e preparou-se para can-
tar uma modinha, sua composi-
ção, que principiava assim:

«Escuta, rosa singella»...

—Qual! escuta o que!—disse o
Alfredo; e logo depois:

—Oh Christo, se realmente pro-
feriste a sublime palayra, «Bema-
venturados os que choram», man-
da-me no orvalho das lagrimas as
consolações da fé!»

A *Morgadinha*, do Sr. Pinhei-
ro Chagas, era para elle um livro
predilecto; por *da cá-aquella-pa-
lha* andava elle a recitar-lhe pe-
daços.

—O Bastos, hoje não se pas-
seia?—perguntou o Fausto.

O Alfredo encarregou-se logo da
resposta.

Manhã

—Por que não se ha de ser a carro, não? Isto é na flama-cia extra!

—Hoje que é domingo, hei de ter freguezes como farinha.

—Fazes que esperem, porque se en lór já são capazes de me acabarem com o sortimento todo.

Por esse tempo elle tinha a casa na rua Ludovico, em frente ao largo. Para ali foi e o Fausto ficou entretido com o violão e a conversar comigo e Niemeyer a proposito das pretensões deste aos olhares daquella que lhe havia inspirado a modinha de sua composição.

O Niemeyer, todo corado, negava e protestava contra as asserções do Fausto, em quem o ciúme não podia occultar o despeito. Este não lhe podia perdoar—aquelles passeios a cavallo á estrada da Serra em companhia della e de outras moças e rapazes.

Foi preciso intervir na discussão. Ambos sahiram depois para almoçar.

Pelas 9 1/2 ouviu-se a voz do Alfredo, que entrava.

—«Ah! n'esse peito de marmore não pulsa um coração. Quem zomba de lagrimas assim, não merece causal-as.»

—«A mulher que nestas angustias supremas d'um coração altivo não vê mais do que uma victoria do seu orgulho, seja rainha ou lacaia, é indigna do amor de um homem de bem.»

—Em que transportes anda você!

—Quem falla!—tornou dando gargalhadinhas. Ah! és tu, nigaro?

E cantarolou, de mão no peito, já no meio da varanda, um pedacinho do *Guarany* do nosso... do nosso, não, que os genios nascidos no Brazil já não querem ser brasileiros... do maestro italiano Carlos Gomes.

A's 10 horas entrava o Carvalho, o carteiro, em cuja casa se cosinhava para nós.

Carvalho é um homem baixo e moreno, cuja mania era fallar

no Pará, d'onde era filha. Trasia a comida em vasilhas dentro de uma cêsta coberta por uma toalha alvissima.

Alfredo foi abraçal-o.

—Oh! immenso Carvalho! Carvalhinho!

E cantarolou:

«Sêde bemvindo
Com esse almoço...»

e logo com voz aflantada:

—Porque eu já estou com uma broca terrivel.

Almoçamos entre ditos, commentarios e pilherias.

Por volta das 4 horas começou (como de costume) a juntar-se a troça. O violão tocado por mim servia de hymno saudatorio; duas ou trez vozes cantavão a modinha em voga.

Eu te amo, formosa mulher,
Eu te amo com todo fervor;
Eu te adoro com a fé a mais pura,
Eu te adoro por ser trovador.

Depois que houve numero legal para abrir-se aquella sessão, largou-se o violão, porque já o Alfredo, em attitude tragica, começou:

«Sabes quem foi Hashaverus, o precito,
«O misero judeu que tinha escripto
«Na fronte o sello atroz?»

—Sou eu—disse o Niemeyer que atravessava a scena.

—Ah! és tu, nigaro?

Voltando-se mudou logo de attitude, abraçou Niemeyer, pegou-lhe nas mãos e com voz apaixonada:

—«Sabes lá o que é amor, criança! Lago que a brisa encrespa, e já se julga oceano! Amas? deixa ver os teus olhos...»

O Niemeyer escapou-se-lhe; todos riram muito, principalmente o Fausto que tinha razões para isso.

Joinville, Maio de 1886.

(Continúa)

Album de homens illustres

(brazileiros e europeus)

VISCONDE DO RIO BRANCO

A que serie de considerações não nos arrasta a contemplação do retrato do Grande Cidadão, que, entre nós, foi conhecido pelo titulo de Visconde do Rio Branco!

D'elle bastará dizer, para fazer-lhe o elogio, que foi o promotor da Grande Lei que a nossa moderna Legislação inscreve sob o n. 2040 e data de 28 de Setembro de 1870!

D'elle dirá a geração futura: Foi o extinguidor da escravidão no Brazil!

Outubro, 2 de 1883.

RAMOS JUNIOR.

VISCONDE DO RIO BRANCO

Vede-o, contemplai-o, por um instante, brazileiros! O seu cerebro feito de arreboes, espalhava clarões olympicos de liberdade. Foi o mais perfeito specimen do homem do seculo dezenove!

Morreu legando á patria a mais grandiosa das leis—a de 28 de Setembro.

Fitando-se-o bem vê-se na sua expressão o mais alegre sorriso—era o sorriso da caridade humana. Homem do seculo, só trabalhou em prol da patria a quem amava mais do que a propria existencia, porque esta, muitas vezes, sacrificou-o em busca de meios ao progredimento da terra que foi seu berço.

O seu nome está ligado ao da liberdade e pertence á historia.

F. M.

CONSELHEIRO MANOEL P. CHAGAS

PINHEIRO CHAGAS

Uma aureola de luz ilumina-te a fronte.

Onde se falle a lingua de Camões ha faiscões de teu genio para illuminar-nos.

Abençoados os que ensinam, como tu, e que nos torneios do saber, brandem armas, que, quanto mais ferem, menos se embotam.

Desterro, 2 de Maio 1884.

MACHADO TAVARES.

PADRE THEODORO DE ALMEIDA

Entre os portuguezes notaveis, que se illustraram, já por estudos philosophicos, já por outros estudos, occupa lugar distincto o Padre Theodoro de Almeida.

Nas obras que deu á luz da publicidade, mostrou o vasto talento de que era dotado; e é bastante ler-se a sua «Recreação Philosophica», para conhecer-se os seus profundos conhecimentos.

Ao contemplar o seu busto curvo-me em homenagem porque, como um dom do céu, adoro o talento.

M. AR.

MAJOR SERPA PINTO

O que seria do mundo se não houvesse um punhado de homens que são irresistivelmente arrebatados por uma impulsão divina a emprezas gigantescas?

Serpa Pinto, o amado explorador Portuguez, é para o universo inteiro a prova viva do quanto é poderosa a força d'alma e a perse-

verança do homem luctando contra a natureza no dominio solemne dos seus elementos.

Serpa Pinto, o Soldado da sciencia, batten-se na lucta que empenhara com a arma que investiga, que observa; que não fará sangue, mas roja luz—o talento!

27 de Setembro de 1884.

RAUL FERNANDES.

HENRI HERZ

Sendo irmãs a Poesia e a Musica, era justo que entre os retratos dos celebres poetas que ornaram as paginas d'este album e que em diversos idiomas nos legaram os seus bellos cantos, estivesse tambem o de Henri Herz, musico insignificante, cujas obras em linguagem musical são admiradas por todas as nações cultas.

Nasceu Henri Herz na Alemanha, porém mais tarde naturalizou-se francez, e na idade de 8 annos maravilhava o publico de Coblantz pelos seus admiraveis conhecimentos sobre o piano.

Aos 12 annos entrou para o Conservatorio onde obteve os primeiros premios, apresentando sempre bellas produções.

Partiu depois para a Inglaterra e d'ahi para a Hespanha, obtendo sempre immenso successo.

Depois de ter occupado a cadeira de professor de piano do Conservatorio de Pariz, passou elle para a America, percorrendo os Estados-Unidos, Mexico, Perú, Chile, California, etc., onde deu mais de seiscentos concertos.

Além de eximio concertista, perfeitamente versado na sci-

cia d'harmonia, é tambem Henri Herz um habil fabricante de piano, que tem merecido geral approvação em diferentes exposições e que se acham espalhados por toda a parte.

Merece pois inteira veneração quem como elle tanto tem feito pelo arte musical.

Desterro, 22 de Julho de 1884.

JOSE BRAZILICIO DE SOUZA.

Por falta de tempo e espaço deixamos de publicar n'este n. a collaboração do nosso incansavel e intelligente collaborador e amigo *Togassina*, de S. Francisco; fazendo-o por n. seguinte com o prazer que sempre recebemos e publicamos as suas bellas e criteriosas produções.

O que desejamos é que continue a mimosear-nos com os seus elegantes escriptos.

AVISO

Sendo este o penultimo n. do mez fuzante, rogamos aos Srs. assignantes d'aqui o especial obsequio de satisfazerem as suas assignaturas.

Aos Srs. que ainda se acham em atrazo com as suas mensalidades, tornamos a pedir o pagamento d'ellas.

TYP. DO «JORN. DO COMMERCIO»